

SER MÃE OU NÃO SER: UMA PRESSÃO SOCIOCULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE

Alice Anne da Costa Monteiro*

Laura Freire de Andrade**

RESUMO

Na atualidade as mulheres possuem recursos e necessidades de se afirmarem para além da maternidade, apesar disso, esta se firmou como símbolo primordial do feminino. Em busca de desconstruir e discorrer sobre gênero e sexualidade pautados no feminino e na maternidade, este estudo busca identificar as influências socioculturais relacionados à pressão que as mulheres sofrem para se tornarem mães na contemporaneidade. O estudo também tem como objetivo identificar os fatores socioculturais que podem influenciar na vinculação da maternidade como pré-requisito para a realização feminina; contextualizar historicamente a relação entre o feminino e a maternidade analisando assim, as rupturas possíveis da maternidade como um axioma da feminilidade. Para a realização metodológica do estudo, utilizou-se do método dedutivo, organizando-a como exploratória e caracterizando-a como qualitativa. Para tornar o estudo mais elucidativo realizou-se entrevistas semiestruturadas com 8 mulheres de idade entre 18 e 45 anos, das quais metade desejam a maternidade e a outra metade não apresentam desejo em se tornarem mães. Como resultado a pesquisa aponta que a mulher contemporânea sofre com as cobranças sociais, que tendem a pressionar o ser feminino para vivenciar a maternidade, não respeitando muitas vezes, o desejo individual de cada mulher em relação a esta vivência. Destaca-se também que além da interferência de fatores socioculturais, foi perceptível fatores familiares, como colaboradores para a vivência da não maternidade.

Palavras- chave: Maternidade; feminino; interferências socioculturais; contemporaneidade.

ABSTRACT

Nowadays, women have resources and necessities to affirm themselves beyond motherhood, nevertheless, it has been established as a primordial symbol of feminine. Looking for deconstructing and discoursing on gender and sexuality based on feminine and motherhood, this study seeks to identify the sociocultural influences related to pressure that women suffer to become mothers in the contemporary world. The study also aims to identify sociocultural factors that may influence the bonding of maternity as a prerequisite for female achievement; contextualize historically the relation between the feminine and the motherhood, thus analyzing the possible ruptures of motherhood as an axiom of femininity. For a methodological achievement of the study, it was used the deductive method, organizing as exploratory and characterizing as qualitative. To make the study more elucidative, it was conducted semi-structured interviews with 8 women aged between 18 and 45 years, whom half wanted motherhood and the other half had no desire to become mothers. As a result, the research indicates that contemporary women suffer from social charges, which tend to press the female to experience motherhood, not often respecting the individual desire of each woman in relation to this experience. It is also highlighted that besides the interference of sociocultural factors, familiar factors were perceived as collaborators to the experience of non-maternity.

Keywords: Maternity; Feminine; sociocultural interference; contemporaneity

* Graduanda em Psicologia, Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: annemonteiro12@gmail.com

**Psicóloga, especialista em atendimentos a usuários de álcool e outras drogas. Professora do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: laurafreire.8@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade, ainda nos tempos atuais, é fortemente influenciada por fatores socioculturais extraídos de costumes e tradições passadas, ligadas às normas de gênero. Estas últimas, por sua vez, tratam de atribuições de padrões e modelos de vivência para homens e mulheres, culminando em uma hierarquia entre esses gêneros e sustentando lógicas de desigualdade por meio de uma supervalorização masculina. Conseqüentemente, tais modelos vigentes na atualidade e construídos ao longo da história, também se relacionam às feminilidades, colocando mulheres em um lugar de subalternidade. Dito de outra forma é outorgado à figura da mãe como símbolo primordial do feminino, que coloca a maternidade como uma obrigação, e excluindo o direito de escolha em relação a esta vivência e ao seu corpo (ALMEIDA, 2012; SILVA, 2013).

Dessa forma, o presente projeto de pesquisa possui como objetivo descrever como os fatores socioculturais influenciam na vinculação da maternidade como pré-requisito para a realização feminina, discorrendo sobre a contextualização histórica da relação feminino-maternidade, identificando as interferências que esses fatores socioculturais exercem sob a construção da identidade feminina e analisando as possibilidades de ruptura da maternidade como atribuição privilegiada da feminilidade à mulher. A importância de desenvolver tal pesquisa consiste na possibilidade de desconstruir normas que são tidas como ontológicas e que discorrem sobre gênero e sexualidade.

Além disso, este trabalho se justifica em tempos em que a religião exerce grande influência sobre o Estado – apesar deste ser considerado laico -, afinal a religião muitas vezes reforça essa vinculação obrigatória entre a feminilidade e a maternidade, ou seja, como símbolo de idealização e realização para todas as mulheres, desconsiderando que estas são diversas e negando, assim, o direito de escolha daquelas que não desejam ter filhos (BADINTER, 1980/1985). Pode-se ressaltar que a psicologia se torna basilar na compreensão destas normas instituídas, e, tomando a escuta como um objeto de trabalho dos psicólogos, o acolhimento destas mulheres é de extrema relevância, bem como a promoção de espaços de respeito, apoio à liberdade de escolha, e a facilitação de um entendimento de que as mulheres podem viver sem se pautar em pressões sociais, que, muitas vezes, levam ao sofrimento.

Dessa maneira, para dar início ao processo de pesquisa será feito um levantamento bibliográfico, com base em conteúdos públicos relacionados com o tema proposto

(MARCONI; LAKATOS, 2010). O estudo se classifica como uma pesquisa exploratória, percorrendo sobre assuntos pouco explorados (GIL, 2008). Neste viés, a pesquisa fez uso de entrevistas comparativas com mulheres, a fim de apreender como se dá a vivência de sustentar o posicionamento do desejo ou não desejo pela maternidade frente às pressões socioculturais atribuídas ao feminino. Essa pesquisa ainda é classificada como qualitativa, tendo em vista que busca discorrer sobre uma diversidade de construções sociais relacionadas à feminilidade (MARCONI; LAKATOS, 2010).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO SER FEMININO E MATERNIDADE

As crenças e religiosidade se fazem presentes na contextualização histórica feminina, delegando à mulher posições de submissão regadas à fragilidade e funções maternas. Como exemplos disso, no antigo Egito tem-se a veneração à deusa Ísis relacionada à maternidade e feminilidade; na Grécia, Gaia deusa originária de outros deuses; na China, Nu Gua criadora de toda a humanidade; no Japão, Amaterazu deusa do Sol, responsável pela origem dos imperadores e na Irlanda, Brígida a deusa-mãe (MURIBECA, 2013).

Na mitologia judaico-cristã, a Igreja negligenciou a primeira mulher de Adão chamada de Lilith, por não se sujeitar à submissão imposta pelos homens, desobedecendo às ordens de Deus e de Adão. Ela foi desse modo, expulsa do Paraíso e transformada em serpente. A partir disso foi criada Eva, que para o Cristianismo é considerada a primeira e única mulher de Adão, de quem descende toda a humanidade. Vale ressaltar que, Eva é a peça chave para o pecado original (CRUZ, 2013).

Na Índia, é destinado à mulher o papel secundário na vivência social. O homem, por sua vez, ocupa funções de chefe e também funções judiciárias, realizando julgamentos e determinando punições. Essa situação se relaciona intimamente com uma aceitação de textos tidos como sagrados que consideram a família um conjunto religioso, no qual o homem exerce papel de líder, sendo responsável pela conduta dos integrantes desse agrupamento perante a sociedade (BADINTER, 1980/1985).

Fazendo um salto contextual, durante a Idade média, a maternidade não era atribuída à mulher de forma afetiva. A função do cuidado com os filhos era destinada às camponesas, o que incluía como atividades até mesmo a amamentação. Quando as crianças atingiam

determinada idade, eram responsáveis por parte do trabalho doméstico. Nessa época os casamentos eram constituídos a partir de interesses financeiros e não de laços afetivos entre os cônjuges e os filhos, eram uma espécie de manutenção do contrato marital. Havia ainda, uma relação de obediência ao marido e pai, por parte das mulheres, mesmo que pertencentes à aristocracia (ARIES, 1978).

No iluminismo, além de destinarem às mulheres as funções de esposa e mãe, elas eram também consideradas inferiores se tratando da intelectualidade e sexualidade, o que foi, por muito tempo, utilizado para justificar a não consideração das mulheres como cidadãs (NOGUEIRA, 2001). Esses discursos sobre o feminino foram se desenrolando ao longo da história e em estudos comparativos sobre a mulher, Freud em sua obra “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905/2006) vincula o homem às práticas sexuais ativas e a virilidade, enquanto o feminino é associado à histeria, além da inveja do órgão genital masculino, por ser castrada e não possuidora do falo. Dito de outra forma, o ser da incompletude. Ainda, para Freud a maternidade era uma solução fálica, podendo fazer com que a mulher, ao se tornar mãe, se encontre com o gozo feminino.

É perceptível que em todo o contexto histórico citado anteriormente, a religiosidade e as crenças culturais determinam papéis e estabelecem normas às mulheres, e quando essas não se sujeitam ao domínio masculino, são negligenciadas e transformadas em exemplos malignos, como o caso de Lilith (CRUZ, 2013). Essa dicotomia masculino x feminino também é ressaltada na literatura brasileira. Como exemplo de personagens femininas que seguem este estereótipo desejável, tem-se, Helena da obra homônima de Machado de Assis, que é representada como uma mulher romântica, idealizadora, submissa e ligada aos valores patriarcais. Em contraste com Helena, têm-se as personagens Virgília da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e Capitu do romance *Dom Casmurro*, ambas casadas, porém corajosas e valentes, e embora pertencessem a uma sociedade baseada no modelo patriarcal e machista, elas, possuíam uma postura diferente das esposas daquela época, sendo resistentes às pressões sociais impostas (SANTIAGO *et al.*, 2017).

As personagens machadianas Virgília e Capitu fugiam do estereótipo da mulher do século XIX, o qual era comum e até natural a submissão feminina, além de ter que seguir o padrão da família tradicional, que adotava como fundamental a maternidade. Sendo assim, pode-se ressaltar que Virgília e Capitu assumiam papéis que fugiam da posição de obediência masculina e se voltavam para a autonomia e liberdade. Virgília por exemplo, abriu mão de seu grande amor Brás Cubas para se casar com um político e ter um status social, mantendo assim, um casamento por interesses financeiros e sociais. Ela ainda traía seu marido, o que

para essa época era uma postura muito atrevida para a mulher, fugindo de toda idealização feminina, se mostrando muito corajosa e determinada. Já Capitu assume posições de liderança e controle, papéis os quais eram direcionados aos homens somente, bem como a iniciativa para romance. Percebe-se então que, Virgília e Capitu foram mulheres destemidas, que buscavam sua autonomia fugindo dessa forma dos modelos patriarcais do século XIX (SANTOS *et al.*, 2015).

Ainda mantendo como foco o contexto brasileiro, têm-se outras possibilidades de leitura da figura feminina. Para algumas culturas Amazônicas os mitos folclóricos explicam a origem do mundo e através de diversos personagens transmitem aos seres humanos ensinamentos de proteção da natureza e cuidado com o outro. Nessas histórias têm-se as conhecidas lenda da Mãe D'água e a história de *Icamiabas*. Essas personagens trazem os papéis femininos estruturados na força e na delicadeza, o que pode ser compreendido por uma boa parte das populações indígenas amazônicas serem sociedades matriarcais. A história de *Icamiabas* descreve um conjunto de mulheres corajosas e destemidas, fazendo a proteção da terra. Nesse contexto, a maternidade não é atribuída à mulher por pressões sociais ou afirmação de feminilidade, sendo os homens destinados para a procriação somente, sem outras funções na tessitura social (SÁ; DUTRA, 2014).

Algumas perspectivas apresentadas anteriormente evidenciam como as mulheres eram e ainda são forjadas, discursivamente, por meio de normas sociais. Ou seja, construções que ditam o que é esperado de acordo com o gênero, dizendo de comportamentos, lugares, cumprimento com determinadas funções no âmbito privado, submissão, dentre outros. Em contrapartida, outras delas apontam para possibilidades diversas de significação e representação das feminilidades, mesmo que a lógica tradicional mais difundida restrinja as mulheres ao recato, à inocência, à fragilidade e à satisfação dos desejos masculinos (ALMEIDA, 2012).

Ainda que haja outras perspectivas, elas são incipientes e obscurecidas pela lógica que atribui às feminilidades um posto de objeto e que vincula a realização feminina ao casamento e à maternidade, fatores advindos da herança sociocultural vigente e ideologicamente dominante. Atualmente, além de toda essa bagagem arcaica, apresentam-se discursos machistas trazidos no formato humorístico, que oprimem a livre construção da identidade subjetiva da mulher (MORAES, 2012; BADINTER/1980/1985). As palavras são carregadas de significados e intencionalidade que se desdobram sobre a interpretação e muitas vezes sobre os gêneros, mais especificamente o feminino. Esses discursos no formato humorístico ofensivo reforça a desigualdade entre os gêneros e as construções machistas

arcaicas, podendo ser notadas atualmente escancaradas na internet em forma de piadas, charges e outros meios, que trazem o riso imbuído numa imagem negativa feminina, seguindo um estereótipo machista/patriarcal e reforçando o preconceito à mulher (SOUSA; FIGUEIRA, 2017).

2.2 INTERFERÊNCIAS SOCIOCULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

A contextualização histórica feminina está fortemente vinculada às interferências de fatores socioculturais incluindo entre essas, algumas crenças, que regem as normas sociais e comportamentos. Embora, algumas religiões tragam em seus preceitos a igualdade, pautada no amor ao próximo, nota-se uma contradição relacionada à divisão de papéis, trazendo traços de hierarquização, delegando aos homens a função de chefe, sendo estes responsáveis pela casa e família e, o qual as mulheres são destinadas à obediência e ao respeito à figura masculina (BADINTER, 1980/1985).

Estes papéis, por sua vez, se fazem presentes nas vivências dos homens e das mulheres desde a infância. Isso se evidencia nas cores generificadas - rosa e azul – bem como nos brinquedos, que também cumprem padrões de feminilidade e masculinidade, sendo a boneca voltada às meninas como uma tentativa de ensinar, desde cedo, as funções da maternidade (SILVA, 2013). Em contrapartida, o carrinho e a bola são dados aos meninos, condicionando-os para realização de funções diversas, especialmente no espaço público, na vida adulta. Essas divisões baseadas na genitália dos sujeitos resultantes de construções sociais e históricas que reforçam a submissão feminina atribuem também à mulher a maternidade e o cuidado para com o outro como obrigações tornando-as, portanto, naturalizadas (SCOTT, 1989; SILVA, 2013).

A dimensão social, de uma certa forma, acaba por dividir e condicionar os sujeitos de acordo com o sexo biológico. Isso também ocorre, no meio familiar, político, educacional e religioso, estreitando o caminho para a desigualdade. Ao longo da história a sociedade construiu-se uma visão reducionista sobre o ser feminino, formas de tratamento “diferenciado”, como salários mais baixos e rotulação de “sexo frágil”. No meio familiar foram voltados para a mulher funções domésticas, o zelo e cuidado para com o outro (TEIXEIRA, 2010).

Antigamente, a feminilidade era moldada obedecendo um caráter naturalista, o qual muitos filósofos foram responsáveis pela inserção submissa e desigual da mulher em meio à sociedade. A mulher, por muito tempo, teve sua construção feminina baseada nas tradições

religiosas, que pregavam a maternidade como atribuição da feminilidade que convocaram a responder tais atribuições. As mudanças na identidade feminina, na atualidade, colocam a possibilidade de estar no mundo para além da maternidade, ou seja, a feminilidade se representa através de outros desejos que podem não estar relacionados à função materna. A modernidade favoreceu desconstruções acerca desses conceitos, tidos como ontológicos, sobretudo após o movimento feminista e com o desenrolar da história, surgiram outros significados atribuídos à feminilidade, aderindo um caráter de subjetividade, possibilitando que a mulher se construa e dê outros significados ao seu ser (ALMEIDA, 2012; PATIAS; BUAES, 2012; SILVA *et al.*, 2015).

2.3 POSSIBILIDADES DE RUPTURA DA MATERNIDADE COMO ATRIBUIÇÃO DA FEMINILIDADE À MULHER

As mulheres há muito tempo, até mesmo nos dias atuais têm como pontos chave de sua identidade a maternidade, o casamento e a obrigação com afazeres domésticos (CARSON, 1995). Apesar de tais construções se perpetuarem muitas mulheres têm lutado pra romper com essa “herança” sócio histórica recorrendo às discussões e teorizações elaboradas por outras mulheres, ao longo do tempo, que se vincularam aos intitulados movimentos feministas. Os movimentos feministas fazem parte dessa luta pela reivindicação de direitos civis iguais para ambos os gêneros, independentemente de sua genitália, buscando desatar o nó da inferioridade e destituir papéis de subalternidade ligados à mulher, devido aos padrões arcaicos e machistas (MARTINS; COSTA, 2016). Esses movimentos introduziram o conceito de “gênero” com intuito de promover a igualdade entre homens e mulheres, desconstruindo assim, a afirmação do sujeito firmado e constituído pelo seu sexo biológico (SCOTT, 1995).

Para se romper com a maternidade como atribuição da feminilidade, se torna indispensável repensar os gêneros. Scott (1989) ressalta que a visão sobre os gêneros vem sendo modificada. Antigamente, segundo a autora, tal conceito se tratava de um classificador entre macho e fêmea, e atualmente se refere a uma série de dinâmicas do contexto social que são marcadas pela desigualdade entre os sexos que implicam, necessariamente, a uma discussão sobre as relações de poder do masculino sobre o feminino e demais relações de dominação presentes na sociedade. Na atualidade, tem-se a ideia de que os desejos femininos nem sempre podem ou devem estar relacionados à maternidade, e nem por isso, perde-se a feminilidade (PELEGRINI, 2012). Na sociedade contemporânea, as mulheres constroem novos significados para as identidades femininas, que colocam em xeque algumas

naturalizações elaboradas sobre o feminino, sendo assim, a maternidade passa a ser uma opção e não mais uma condição, se tornando, portanto, instável e incerta no meio social (PATIAS; BUAES, 2012).

3 MATERIAIS E METÓDOS

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo utilizou-se do método dedutivo, o qual segundo Marconi e Lakatos (2010) diz de aspectos existentes, sendo uma pesquisa que parte do geral para o particular. Nesse sentido, o atual projeto emprega o método dedutivo para afirmar o pressuposto levantado, o qual redige que a maternidade, ainda em tempos atuais é fortemente influenciada por fatores socioculturais, extraídos de costumes e tradições passadas, ligadas as normas de gênero, que tratam de atribuições de padrões e modelos de vivência para homens e mulheres. Tais modelos sustentam lógicas de desigualdade por meio de uma supervalorização masculina, que colocam as mulheres em lugar de subalternidade, tornando a maternidade uma obrigação e excluindo assim, o direito de escolha da mulher em relação a esta vivência.

Quanto à natureza da pesquisa se organiza como exploratória, por descrever a pressão pela maternidade na contemporaneidade, sendo um assunto pouco explorado, fazendo ainda o uso de entrevistas comparativas entre oito mulheres de 18 a 45 anos, a fim de apreender como se dá a vivência de sustentar o posicionamento do desejo ou não desejo pela maternidade frente a sociedade atual (GIL, 2008). Em relação aos fins, trata-se de um estudo qualitativo discorrendo sobre uma diversidade de construções sociais relacionadas ao feminino, levando em conta a subjetividade nas construções das feminilidades. Assim, como definido por Maconi e Lakatos (2010), essa forma de pesquisa não utiliza de análise estatística para responder às questões levantadas.

Para compreender as influências socioculturais relacionadas à pressão que as mulheres sofrem para serem mães na contemporaneidade, foi realizado um levantamento bibliográfico, com base em conteúdos públicos relacionados com o tema proposto, com a combinação das seguintes palavras chaves: pressão pela maternidade, influências socioculturais, maternidade contemporânea, não maternidade e feminilidade. Participaram da

pesquisa oito mulheres com idades entre 18 a 45 anos, das cidades de Curvelo/MG e Sete Lagoas/MG, sendo que 4 mulheres não querem/quiseram ser mães, a fim de compreender como se dá a vivência de sustentar o posicionamento de cada uma delas em uma sociedade que ainda considera a maternidade como fundamental para a construção da feminilidade. Como contraponto, as outras 4 mulheres entrevistadas, consideram a maternidade um elemento que atribui sentido à vivência feminina.

As mulheres participantes da pesquisa foram selecionadas por acessibilidade ou afinidade. No convite à participação voluntária foram apresentados o tema, objetivos gerais e os aspectos éticos fundamentais e nas entrevistas, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram informadas que todos os relatos adquiridos ao longo da entrevista estão sob a garantia do sigilo e do anonimato, além de reafirmar que a participação é voluntária, não gerando nenhum custo às participantes.

A análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), a qual as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente pela pesquisadora, que após leitura exaustiva do *corpus textual* foram feitas categorizações, que buscaram captar o sentido da fala das entrevistadas. As entrevistas aconteceram de forma individual, tendo como base um roteiro semiestruturado, com duração de aproximadamente 40 minutos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÕES	MATERNIDADE
Entrevista 1	45 anos	Ensino médio	Representante comercial	Não desejo.
Entrevista 2	29 anos	Ensino sup. Incompleto	Estudante	Não desejo.
Entrevistada 3	22 anos	Ensino sup. Incompleto	Estudante	Não desejo.
Entrevistada 4	28 anos	Ensino sup. Incompleto	Vendedora	Não desejo.
Entrevistada A	39 anos	Ensino sup. Completo	Professora	Deseja/ Tem 3

				filhos.
Entrevista B	30 anos	Ensino sup. Completo	Educadora física	Deseja/ Ainda não tem.
Entrevista C	27 anos	Ensino sup. Completo	Psicóloga	Deseja/ Ainda não tem.
Entrevistada D	23 anos	Ensino sup. Incompleto	Estudante	Deseja/ Ainda não tem.

Mediante a análise de conteúdo das entrevistas individuais semiestruturadas, relacionadas à pressão pela maternidade na contemporaneidade e as influências de fatores socioculturais vinculados à maternidade, foram realizadas as categorias apresentadas a seguir.

4.2 O SENTIDO DE SER MULHER

As mulheres entrevistadas em sua maioria trazem o sentido de ser mulher pautado na busca de objetivos, na independência e realização de seus sonhos, desmistificando posições submissas e a obrigação com a maternidade, fatores que foram construídos ao longo da história e estão sendo cada vez mais rompidos pelas mulheres, que buscam visibilidade e a desconstrução de normas sociais que vinculem o sexo feminino a papéis de dependência e repressão (ROCHA *et al.*, 2015). O sentido de ser mulher foi explicado pela maioria das entrevistadas como um sentimento que transcende, um ser cheio de possibilidades e que cada vez mais luta pelos seus ideais, tais fatores podem ser notados nas seguintes falas:

“É ser você mesmo, ser você independente, você buscar, você buscar seus objetivos, acho que não precisa ter filho para você se sentir mulher, se sentir realizada.” (Entrevistada 2).

“Eu acho que ser mulher hoje, pra mim, é poder tomar decisões, saber o que eu faço com meu corpo, tomar as minhas decisões sem ter essa base na sociedade, nesse preconceito que impõe: ah a mulher tem que ser assim [...]” (Entrevistada 3).

Em contrapartida, algumas atribuíram sentimentos de doçura, delicadeza e a afirmação do feminino através do corpo ligados a tais sentimentos, elucidando a maternidade

como uma completude para o sentido de ser mulher, ressaltando que essas mulheres são mães ou desejam ser, podendo ser ilustrado nas seguintes falas:

“[...] mas quando tem filho ele completa, aí quando filho sai ou...ou por algum momento ele vai ali, você já começa a sentir a falta, então ele completa você [...]” (Entrevistada A).

“Eu gosto de ser mulher para poder ser mãe, por ser como eu sou mesmo e ter o meu corpo feminino, para mim ser mulher é especial, eu gosto de me sentir assim.” (Entrevistada C).

Percebe-se através das falas dessas entrevistadas a presença de fatores socioculturais na era contemporânea, que vinculam a maternidade à mulher como uma relação de completude, algo que é esperado para o ser feminino, sendo condicionado à mulher os sentimentos de recato, inocência e fragilidade, o qual a maternidade de certa forma, para essas mulheres afirma e sustenta a feminilidade (ALMEIDA, 2012).

4.3 REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE E NÃO MATERNIDADE

Ao analisar as falas das entrevistadas sobre a representação da maternidade nota-se que todas as mulheres que desejam a maternidade trazem o sentimento de completude após terem os filhos e aquelas que ainda não tem, mas que desejam, se sentem mulheres incompletas. Freud (1905/2006) traz esse viés em seus estudos, considerando a mulher um ser incompleto que supriria a ausência fálica pela maternidade. Podem-se evidenciar tais teorias nas falas abaixo:

“[...] o filho ele completa, eu não me vejo, não consigo me ver sem filhos, sem meus filhos.” (Entrevistada A).

“Ah! Eu acho que eu vou me sentir realizada depois que eu for mãe sabe, enquanto mulher eu não me sinto tão realizada [...]” (Entrevistada C).

Em contrapartida a essa vinculação de completude naturalizada através dos discursos sociais, outras entrevistadas trazem em suas falas a desconstrução do romantismo da maternidade e um desejo que vai para além de ser mãe, sendo a mulher livre para fazer suas

próprias escolhas, entre uma delas a não maternidade, a qual tem esse desejo ocupado com outras funções, como a estabilidade financeira, estudos e viagens (PATIAS; BUAES, 2012; SILVA *et al.*, 2015).

“[...] a gente não precisa querer ter filho para sentir completa, eu me sinto a mulher completa[...]” (Entrevistada 3).

“[...] tentam romantizar toda essa maternidade, fazer a cabeça da gente [...]” (Entrevista 3).

“Maternidade não é esse sonho, essas coisas, essa coisa que eles constroem tudo bonitinho, que você vai amamentar, que você vai ser feliz, que seu filho vai ser isso, não, pode vim um filho deficiente, pode vim um filho muito diferente daquela construção lá de ideologia que a sociedade impõe[...]” (Entrevistada 2).

“Eu vejo assim, estou querendo construir uma carreira, passar no concurso, eu quero viajar, eu quero curtir a vida, e eu acho que filho para mim iria atrapalhar minha vida do que acrescentar, eu vejo assim, eu não vejo esse instinto maternal.” (Entrevistada 2).

Nota-se, através das falas aqui analisadas, que o desejo da maternidade diz de uma construção singular, que não pode ser generalizada, pois nem todas as mulheres nascem com esse “instinto maternal”, valendo ressaltar que, muitas foram e ainda são condicionadas por diversos fatores socioculturais. Estes, por sua vez, agem de forma a pressionar a mulher em relação a maternidade, dificultando a escolha individual e subjetiva de cada mulher (PATIAS, BUAES; 2012).

4.4 COBRANÇAS SOCIOCULTURAIS

Diante das falas das entrevistadas pode-se perceber cobranças socioculturais em relação a maternidade, advindas por parte da família e dos amigos, criando uma relação de obrigatoriedade para a mulher quanto a essa vivência, convoca a mulher à responder tais pressões e com poucas possibilidade de escolhas mais individualizadas (ALMEIDA, 2012; SILVA, 2013). Essas cobranças podem ser exemplificadas abaixo:

“[...]amigos que ficavam, ah por que você tem que ter um filho, porque você vai ficar sozinha, você vai acabar sozinha, então você tem que ter um filho [...]” (Entrevistada 1).

“É uma pressão muito grande, já tenho 29 anos né, ano que vem faço 30. Aí minhas amigas todas, todas já têm filho, aí elas acham que eu que sou a anormal aqui né, tipo você não tem filho, mas você já tá ficando velha, aí minha mãe já fala também: você tem que ter um filho para cuidar de você, aí tem essa pressão toda [...]” (Entrevistada 2).

“Tem sim uma certa pressão, uma pressão familiar. Normalmente os pais do meu marido e minha mãe estão sempre perguntando, meu sogro me pergunta: - Ah e aí que dia você vai me dar um netinho?” (Entrevistada B).

As opiniões das participantes retratam as interferências de fatores socioculturais que tornam a maternidade uma afirmação para o ser mulher, porém muitos desses discursos vêm sendo desconstruídos na atualidade na tentativa de extinguir essa pressão, que é tida como algo natural, e surge muitas vezes no formato de brincadeiras, como “cadê meu netinho?”. Esses discursos patriarcais precisam ser desconstruídos para abrir espaço para que, as mulheres decidam se desejam ou não vivenciar a maternidade sem se pautarem nessas pressões (BADINTER, 1980/1985; PATIAS; BUAES, 2012; SOUSA; FIGUEIRA, 2017).

A religião, ainda na atualidade, exerce influência na escolha feminina, pode ser considerada um elemento forte nessas pressões, inclusive sobre o Estado, no qual inibe a mulher de fazer suas próprias escolhas em relação ao seu corpo e suas vivências. Sendo assim, pode-se destacar a relação entre a religião e as práticas de abortamento, sendo estas práticas não legalizadas, obrigando assim, o ser feminino a vivenciar a maternidade sob qualquer circunstância ou abortar de forma clandestina, colocando sua vida em risco. Pode-se ressaltar que a autonomia e liberdade femininas são ainda um caminho estreito se tratando da não maternidade, que é sempre colocada em xeque pelo Estado (KALSING, 2002).

Vários fatores socioculturais atravessam a decisão feminina relacionada à maternidade, sendo essa talhada pelo Estado, meios jurídicos e religiosos, estabelecendo um padrão ideal para toda mulher: casamento e filhos, constituindo assim a manutenção do modelo familiar burguês. A partir destas reflexões, é possível identificar as várias formas de interferências socioculturais em relação à vivência da maternidade, envolvendo inúmeros

aspectos sociais e colocando a liberdade de escolha e a subjetividade feminina obscurecidos (FERREIRA; LIMA, 2014).

4.5 NORMATIVIDADE DE GÊNERO

O sexo feminino e masculino são resultados da divisão de gênero, que marca ou condena os indivíduos de acordo com suas genitálias, desconsiderando muitas vezes, as subjetividades que vão para além do corpo (MARCH, 2010). Essa divisão normativa foi construída e estabelecida no decorrer do tempo através da cultura, a qual a mulher possui um padrão ideal a ser seguido, sendo traçado na pureza, fragilidade e delicadeza. Essa bagagem cultural classifica os indivíduos e estabelece papéis, os quais os protagonistas vão se incorporando quanto sujeitos (OLIVEIRA, 2017). Essa dicotomia é fortemente afirmada atualmente, sendo possível notar alguns condicionamentos feitos às mulheres, nas seguintes falas:

“[...]Desde novinha eu brincava de casinha, nas minhas brincadeiras de casinha tinha que ter filho né (risos) tinha que ter bonecas eu inventava as minhas bonecas, então assim eu sempre quis ser mãe, eu dava conta de crianças dos meus vizinhos, pegava, levava para casa, dava banho, dava comida [...]” (Entrevistada A).

“Sempre que eu brincava de boneca, algumas coisas que a minha mãe fazia comigo quando eu era criança... brincava, eu falava assim, nossa eu queria tanto ter uma filha para poder retribuir esse carinho [...]” (Entrevistada C).

“[...] já vem de uma certa forma meio que moldado por ter uma boneca, brincar de boneca [...]” (Entrevistada 4).

Através das falas acima, fica evidente o determinismo biológico, que dita os comportamentos a serem seguidos pelo homem e pela mulher. Esses comportamentos foram estruturados ao longo da história e construídos culturalmente, determinando padrões a serem seguidos. Estes, por sua vez, se sustentam pelo campo da linguagem, traçando perfis e normas, conforme o gênero, sendo assim, a linguagem, pode ser considerada mais um

elemento que, de certa forma, participa dessa dicotomia, afirmando características para homem e para mulher (ADELMAN; BRÖNSTRUP, 2002).

As normas/condicionamentos estabelecidos para o sexo feminino são conduzidos de forma natural, trazendo fragmentos machistas em sua contextura, os quais são embutidos nas vivências diárias das mulheres, sendo evidente na mídia, em mensagens subliminais, discursos humorísticos, que menosprezam e transmitem uma imagem distorcida do ser feminino, excluindo, a sua construção subjetiva, podendo ser exemplificada em falas cotidianas como: “mulher tem que sentar de pernas fechadas” ou “mulher no volante, perigo constante”. Porém essa visão, com apoio de movimentos feministas, está sendo lentamente desconstruída, buscando uma nova concepção para as mulheres e colocando o “gênero” para além do sexo biológico, bem como a liberdade de escolha para suas vivências (GUEDES, 1995; ADELMAN; BRÖNSTRUP, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, procurou explicar sobre a pressão pela maternidade na contemporaneidade, bem como a interferência de fatores socioculturais, que vinculam compulsoriamente a maternidade à realização feminina. Pelas entrevistas individuais realizadas com as mulheres que desejam a maternidade ou tem filhos, pode-se perceber que, a maioria delas atribuem o sentido das suas vivências atrelados à maternidade, já as outras entrevistadas que não desejam ser mães relatam o quão difícil se dá sustentar seus posicionamentos frente a uma sociedade que, faz inúmeras cobranças, usando ainda de “brincadeiras” para pressionar as escolhas dessas mulheres (ALMEIDA, 2012; SOUSA; FIGUEIRA, 2017).

Além de toda essa pressão, que a sociedade faz sobre a mulher, possuidora de um corpo feminino, o qual, se espera como resposta, um filho, aquelas que vão contra esse “destino”, mesmo na contemporaneidade não tem suas escolhas respeitadas, sendo constantemente cobradas, ora pela família, ora pelos amigos ou por quem está em sua volta. Outro fator perceptível durante as entrevistas, é que além do emaranhamento sociocultural, a não maternidade, perpassa ainda por conflitos familiares, os quais findam a decisão de não ter filhos, para que assim, se evite repetir as suas histórias em outras gerações.

Vale ressaltar que, cada mulher entrevistada constrói a feminilidade de um jeito singular, porém a maior parte delas, é construída em bases que moldam a mulher desde

pequena, quando incentivam brincar de boneca, o cuidado com o outro, afazeres domésticos, enquanto os homens são condicionados ao esporte, como futebol, lutas, brincar de carrinho, entre outros (BADINTER, 1980/1985). Quando os indivíduos fogem desse estereótipo, em especial o ser feminino, é visto negativamente, e quando se trata da não maternidade, a mulher é julgada como egoísta e “condenada a ficar sozinha”, como está presente nas falas de algumas entrevistadas.

Através da análise de conteúdo realizada e pelos sentimentos de incômodos relatados por algumas mulheres, torna-se indispensável repensar sobre a não maternidade e também a maternidade, uma vez que, ser mãe segundo algumas mulheres entrevistadas não é tão belo quanto parece, tem seus pontos negativos, tais como medo do parto, responsabilidade com a criança, mudança do corpo, entre outras, sendo possível uma desromantização da maternidade como algo maravilhoso para toda mulher, sendo fundamental e mais saudável que a escolha seja construída de forma individual e livre de pressões socioculturais.

Para futuros estudos, sugere-se que, sejam realizadas investigações partindo de outros fatores além dos socioculturais, como conflitos familiares relacionados com o tema proposto, sendo mais um colaborador para a não vivência da maternidade, também mulheres de outras classes sociais e perfis, com finalidade de ampliar os pontos e discussões. Esses estudos contribuem para a desconstrução de normas que são tidas como ontológicas, contribuindo para a desvinculação da maternidade como quesito obrigatório para ser e sentir-se mulher.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam; Silvestrin, Celsi Brönstrup. **Gênero plural: um debate interdisciplinar**. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná. 2002.

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. **Feminilidade – caminho de subjetivação**. 2012. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0100-34372012000200004>. Acesso em: 19 abr.2017.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Flammarion, Paris, 1980.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARSON, Alejandro Cervantes. **Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher**. 1995. Disponível em: file:///C:/Users/Home/Downloads/cadpagu_1995_4_11_CARSON.pdf. Acesso em: 03 de jun. 2017.

CRUZ, Ricardo. **Lilith: A Outra Face de Eva**. @gente Digital nº 8 | Ano 2 | Abril de 2013.

FERREIRA, Ana Vitoria Rodrigues; LIMA, Flávia de Sousa. **Renúncia à maternidade e a interferência do Estado: da lei 9263/96 ao direito comparado**. 2014. Disponível em: < http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=19236&revista_caderno=14>. Acesso: 03 de dez. 2017.

FREUD, S. **Três ensaios sobre sexualidade** (1905). In: Freud S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.7.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. **Gênero: O que é isso?**. 1995. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002>. Acesso em: 23 de out. 2017.

KALSING, Vera Simone Schaefer. **O debate do aborto: a votação do aborto legal no Rio Grande do Sul**. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a11.pdf>>. Acesso em: 03 de dez. 2017.

Manual de Orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Faculdade Ciências da Vida. 2009. Disponível em: < <http://www.cienciasdavidacom.br/pags/arquivos/manual.pdf>> . Acesso em: 09 de mar. 2017.

MARCH, Kety Carla de. **Normatividade, identidade e representação: a construção de gêneros a partir de processos criminais de defloramento**. 2010. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278074186_ARQUIVO_NORMATIVIDADE,IDENTIDADEEREPRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2017.

MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: 7ª Edição. Atlas, 2010. p. 166.

MARTINS, Eduarda Alfaro Mena Barreto; COSTA, Bárbara Moura Ruoso. **A importância das lutas feministas diante da busca pela igualdade de gênero**. 2016. Disponível em: < <http://fames.edu.br/jornada-de-direito/anais/9a-jornada-de-pesquisa-e-8a-jornada-em-extensao-do-curso-de-direito/artigos/o-direito-civil-no-seculo-xxi/e2-08.pdf>>. Acesso em: 19 de abr. 2017.

MORAES, Érika de. **Ser mulher na atualidade a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de materna**. 2012. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acesso em: 01 de out. 2017.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. **Da problemática sedução da histeria à enigmática sedução do feminino em Freud**. 2013. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100008>. Acesso em: 16 mar. 2017.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social**. 2001. Disponível em:< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4117>>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

OLIVEIRA, Francine Natasha Alves de. **Gênero, cultura e o dispositivo da transexualidade: A formação da identidade travesti no Brasil**. 2017. Disponível em:< <http://www.ufjf.br/darandina/files/2017/06/Artigo-Francine-Oliveira.pdf>>. Acesso em: 23 de out. 2017.

Orientações básicas para elaboração de artigo científico. 2017. Disponível em: <http://www.cienciasdavidacom.br/pags/arquivos/Orientacoes_Elaboracao_Artigo_Cientifico_FCV_2017.pdf>. Acesso 09 de mar. 2017.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. **“Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção**. 2012. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/06.pdf>>. Acesso em: 02 de jun. 2017.

PELEGRINI, Mauricio A. **Foucault, feminismo e revolução**. 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030_ARQUIVO_Mauricio_Pelegri-2012.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

ROCHA, Camila Mayara da Silva; FERREIRA, Cristiane Danielle Maria e Lima; GUEDES, Elaise Maria Silva; VALENTE, Márcio Bruno Barra; AQUINO, Maria Luzia Pantoja. **Assédio moral no trabalho: a mulher em foco – análise de produções científicas da Psicologia (2005-2015)**. 2015. Disponível em:< <file:///C:/Users/Home/Desktop/TCC/511-1082-1-PB.pdf>>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

SÁ, Esp. Gladys Oliveira de; DUTRA, Esp. Márcia Guedes Egas. **Mulheres na mitologia: uma análise de personagens míticos da cultura amazônica**. 2014. Disponível em:< http://www.uel.br/grupo-estudo/processos_civilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Poster/Trabalhos_Completos/Gladys_Sa_e_Marcia_Dutra.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

SANTIAGO, Camila dos Santos; SILVA, Cláudia Melo da; FARIAS, Milaine Santos; MOTA, Ronara Vieira do Nascimento. **Mulheres Machadianas: Submissão e resistência**. 2017. Disponível em:< <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/17.pdf>>. Acesso em: 22 de mai. 2017.

SANTOS, Cátia Oliveira dos; SANTOS, Elenilva Rodrigues; MENDES, Maria Cristina Freitas; JESUS, Selmira Silva de. **Submissão x autonomia: mulheres machadianas: vozes embargadas? Nem tanto**. 2015. Disponível em:< <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/15.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2017.

SILVA, Ana Elize Faria da; CORREDATO, Kimberly Pugsley; VERSA, Cezar Roberto. **O movimento feminista na pós-modernidade: dificuldades e controvérsias**. 2015.

Disponível:< http://www.univel.br/sites/default/files/conteudo-relacionado/o_movimento_feminista_na_pos_modernidade_dificuldades_e_controversias.pdf>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. **Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social**. 2013. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.

SOUSA, Bharbara Bonelle de; FIGUEIRA, Mayra Duarte. **A representação da mulher em textos humorísticos: uma análise do gênero piada à luz da pragmática**. 2017. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15340/11994>>. Acesso em: 21 de out. 2017.

TEIXEIRA, Daniel Viana. **DESIGUALDADE DE GÊNERO: SOBRE GARANTIAS E RESPONSABILIDADES SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES**. 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v6n1/12.pdf>>. Acesso em: 01 de out. 2017.